

Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva

Nena Balthar¹

Camila do Valle²

Lucia Vignoli³

RESUMO

Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva é uma obra de performance das artistas Lucia Vignoli, Nena Balthar e Camila do Valle na qual o público é convidado a fazer desenhos de observação de frutas e também a degustá-las. As frutas são ofertadas sobre um grande rolo de papel branco, com medida aproximada de 5 metros X 1 metro formando uma extensa superfície na qual estão dispostos lápis grafite, lápis de cor e giz de cera. A atmosfera de diálogo permite revelar modos de pertencimento e de estar no mundo e durante a ação são feitas leituras de textos e poemas. Os gestos de desenhar, degustar, ler, escutar e conversar evidenciam a potência de uma ação coletiva para as partilhas sobre questões de arte, do espaço público e privado. A proposta instaura um campo para além do campo artístico, sua contaminação com outros ramos de conhecimento permite questionar: como pensar esses territórios? Como ocupar e gerir em benefício da comunidade? O projeto se alinha ao que diz Jacques Rancière sobre a dimensão política da Arte ao provocar um deslocamento e/ou uma reestruturação em uma determinada forma de “partilha do sensível”. A ação proporciona uma experiência de compor uma narrativa coletiva em que todos são sujeitos do discurso; ao desenhar, provar os alimentos, conversar, conviver e acionar memórias.

Palavras-chave: Arte. Desenho. Poesia. Literatura. Partilha.

¹ Artista e Professora no Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ. Doutora em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

² Poeta, Professora Adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Doutora em Letras, Pontifícia Universidade Católica – PUC.RJ.

³ Artista e Professora no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Doutora em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

ABSTRACT

Living Nature: an action-banquet-performance-collective is a work of performance of the artists Lucia Vignoli, Nena Balthar and Camila do Valle in which the public is invited to make observation drawings of fruit and also to taste them. The fruits are offered on a large roll of white paper, measuring approximately 5 meters X 1 meter forming an extensive surface in which are arranged graphite pencils, color pencils and crayons. The atmosphere of dialogue allows revealing ways of belonging and being in the world simultaneously with the action of readings texts and poems. The gestures of drawing, tasting, reading, listening and talking show the power of collective action for the sharing of art, public and private space issues. The proposal establishes a field beyond the artistic field. Its contamination with other branch of knowledge allows to question: How to think these territories? How to occupy and manage for the benefit of the community? The project aligns itself with what Jacques Rancière says about the political dimension of Art by provoking a displacement and/or a restructuring in a certain form on The Distribution of the Sensible. The action provides an experience of composing a collective narrative in which all are subjects of discourse; drawing, tasting food, talking, sharing and accessing memories.

Keywords: Art. Drawing. Poetry. Literature. Share. Memories.

“Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da

comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico

e de seus benefícios.” Declaração dos Direitos Humanos, Artigo XXVII.

A ação artística *Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva* tem caráter transdisciplinar, ou seja, a ação proporciona cruzamentos e sobreposições dos vários campos do saber ao estabelecer um lugar de diálogos: ao desenhar, ao degustar os alimentos, ao ler poesia, ao compartilhar memórias e saberes, ao habitar o território construído juntos, ampliando a reflexão sobre a força de uma ação coletiva, permitindo o pensamento sobre questões de arte, do espaço público e privado. Esse projeto plástico instaura uma atmosfera para além do campo artístico, sua contaminação com outras áreas do conhecimento permite questionamentos sobre nossos territórios, em como habitá-los e geri-los em benefício da comunidade e de seus frequentadores.

Nesse contexto participar da proposição *Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva* é uma experiência de construção de narrativa coletiva em que todos são sujeitos do discurso, uma vez que no convívio quando se desenha, se partilha uma refeição, memórias são acionadas e ali compartilhadas tornando o território um lugar de representação coletiva. Assim como o trânsito entre instituições, cidades, estados e países reforça o caráter plural da ação, revela o desenvolvimento de uma sensibilidade das artistas para absorver e processar novos sentidos presentes nas diferentes experiências e lugares onde a performance ocorre. As diversas sensibilidades experimentadas nas ações realizadas no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na Baixada Fluminense na UFRRJ de Nova Iguaçu e na cidade do Porto – Portugal, entre outros, confere a ação o caráter de invocação-convite, a toda e qualquer pessoa que deseje participar, ampliando o campo de possíveis surpresas e encontros. Assim o projeto artístico incentiva a manifestação criativa inerente a todos e contribui para se pensar diversos tipos de ações coletivas no âmbito de transformações das realidades dos participantes.

A performance tomou força durante as Ocupações realizadas no Rio de Janeiro, a partir de 2016, como modo de resistência política ao governo que se instalou, intervindo no espaço no qual é proposta.

A ação artística se alinha ao que diz Jacques Rancière; “A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte do comum em função daquilo que faz, dos tempos e espaços em que essa atividade se exerce”. Portanto a dimensão política da Arte se dá na medida em que a Arte provoca um deslocamento e/ou uma reestruturação em uma determinada forma de “partilha do sensível”. Nesse

contexto, participar da *Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva* proporciona uma experiência de construção de narrativa coletiva em que todos são sujeitos do discurso, na medida em que, ao desenhar, ao provar os alimentos, o convívio aciona memórias e seu partilhar transforma o território em um lugar de representação coletiva. A experiência artística proposta nessa ação nos torna a todos, naquele momento, etnógrafos.

As imagens a seguir, dispostas como uma narrativa visual, pretendem compor um itinerário etnográfico e afirmar a condição processual da performance.



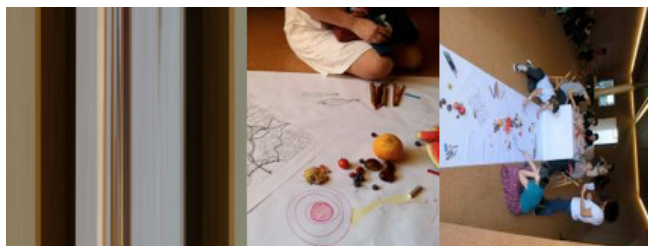
1ª Semana da Alimentação Saudável.
Instituto Nacional de Educação de Surdos/
INES; Rio de Janeiro – 2017

Ativada a performance *Natureza Viva*, nos jardins do Instituto, acontecimento para alunos, familiares, professores e funcionários. O evento compreendeu uma Oficina de Agroecologia, plantio na horta do Instituto, aula sobre PANCS (plantas alimentícias não convencionais) e intervenção poética.



V Jornada Etnográfica – Literatura e Antropologia: cartografias e outras formas narrativas. UFRRJ. Nova Iguaçu – 2017.

A professora e poeta Camilla do Valle organizou, na Faculdade de Letras da UFRRJ campus Nova Iguaçu, a V Jornada Etnográfica, onde se discutiu a fala de musas para os poetas através de leituras de poemas de Ana Luísa Amaral do livro *Gênese do Amor*.



II Encontro Internacional de Reflexão em Práticas Artísticas Comunitárias – EIRPAC – Porto, Portugal - 2017

A performance cruza o Atlântico e traz novas reflexões para realçar a potência de uma ação coletiva e comunitária. Como aponta Roberto Corrêa dos Santos:

Lanço-lhes o corpo aqui: pondo-o na tela da escrita, e digo que, do termo contemporâneo, menos vale a “raiz” (temporâneo) do vocábulo e mais o prefixo : co-, a dar em: cooperativar, colaborar, compartilhar, coletivar: ser das coisas: o copeiro. Não mais o prefixo contra-: e sim a conjunção e: eeee.¹



9º Troca de Saberes, Universidade Federal de Viçosa/UFV. MG - 2017

No encontro do curso de Agronomia da UFV convergiram-se saberes e questões sobre o bem viver. A mesa de trocas de produtores e agricultores agregou a proposição Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva ampliando esse lugar de fala e escuta sobre a sustentabilidade e alimentação consciente.



Instituto de Educação Clélia Nanci, São Gonçalo. Rio de Janeiro – 2016.

Em 2016 estudantes secundaristas ocuparam várias escolas públicas no Brasil reivindicando direitos e fala na construção do ensino no país. A convite dos estudantes houve várias aulas, de diferentes assuntos, nesses estabelecimentos. Nossa contribuição para essa demanda foi a realização da performance Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva. Na ocasião escolhemos alguns trechos da obra de Mario de Andrade – O Banquete – para ser lido. Entre eles: “Toda a arte é social porque toda a obra de arte é um fenômeno de relação entre seres humanos.”²



Espaço Capacete. Rio de Janeiro – 2016.

Capacete é um espaço alternativo que promove uma abordagem desafiadora ao estado globalizado de manifestações culturais de massa no formato de grandes eventos cada vez mais genéricos ou restritos a elite. Nesse espaço se desenvolvem estratégias que pretendem fornecer uma alternativa concreta e real para o que está estabelecido. Na ocasião fomos convidadas a participar em um evento junto a outros artistas e performers.

¹ SANTOS, Roberto Correa dos. Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil. Arte/escrita/vida/pensamento/clínica Tratos Contemporâneos. Editora Circuito. FAPERJ. 2015.

² Banquete, Mario de Andrade. Livraria Duas Cidades – 2ª edição 1989 pg.61.



Escola Estadual de Teatro Martins Pena, Rio de Janeiro – 2016.

No espaço de formação de atores a performance se deu com a fala e leituras do artista, poeta e filósofo Roberto Corrêa dos Santos. Durante o processo foram lidos trechos do livro *O horror econômico* de Viviane Forrester sobre a crise global do trabalho.



Ministério da Cultura, Palácio Gustavo Capanema. Rio de Janeiro – 2016.

Em um movimento de resistência ao governo que se instaurou e extinguiu o Ministério da Cultura, muitos artistas ocuparam o MinC por longo período. Durante a ocupação foram promovidas ações culturais: shows, debates, peças teatrais, domingos de arte. Nesse contexto a performance *Natureza Viva* participou de um Domingo para Crianças com várias atividades visando esse público.



Seminário *InDisciplinas: arte frente ao urgente* - 4o Encontro de Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro - Casa França-Brasil. Rio de Janeiro – 2016.

Os estudantes de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro promoveram um espaço de discussão e circulação de trabalhos e pesquisa nessa área. Participar do seminário desse porte nos fez perceber a importância de itinerários em instâncias diferenciadas, de troca de saberes, agregando a performance seu viés transdisciplinar.



Escritório de Imagem e Emergência, UERJ – 2016

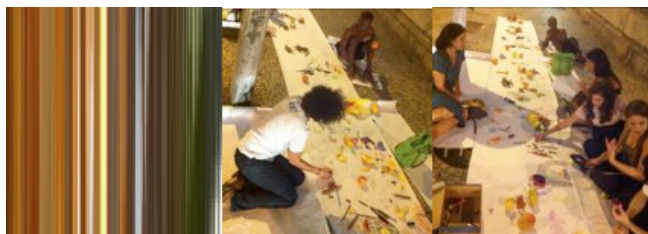
Com o total desmonte da 5a melhor Universidade pública do Brasil, a performance se deu na entrada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), durante a programação de ações para se pensar a emergência de políticas que mantenham a integridade e qualidade do ensino público. Entre os participantes da ação-banquete-performance-coletiva haviam estudantes e funcionários da UERJ, que fizeram leituras de poemas tanto sugeridos por nós quanto escritos pelos participantes.



Galeria KM7, Nova Friburgo. RJ – 2016.

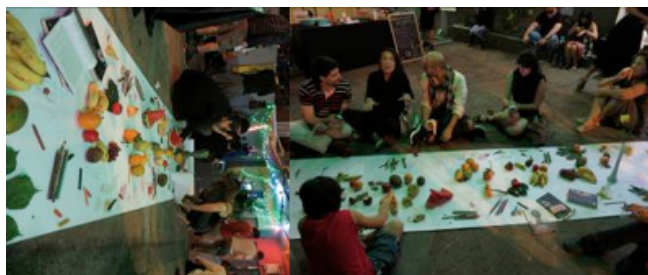
No âmbito de uma ação artística que promove a interlocução com o entorno onde o acontecimento é instaurado a performance *Natureza Viva*: uma ação-banquete-performance-coletiva foi realizada na galeria de arte KM7. A mesa para o banquete coletivo foi instalada na calçada em frente a galeria que se localiza na estrada fluminense de Teresópolis-Nova Friburgo, e contou com a adesão maioritária de crianças. Um senhor, que chegava do trabalho, ao ver a mesa posta e com materiais de desenhar

além das frutas para degustar, rememorou seu curto tempo de estudante e desenhou letras e frases.

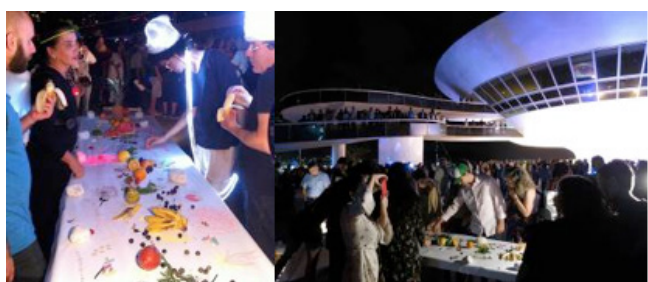


QUE LEGADO! Castelinho do Flamengo, Rio de Janeiro – 2017

A iniciativa multidisciplinar e manifesto artístico QUE LEGADO, foi uma ocupação realizada por vários artistas no Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho – Castelinho do Flamengo - importante equipamento cultural da cidade do Rio de Janeiro. QUE LEGADO resultou em um evento de 16 dias com atrações gratuitas e de variados campos de atuação artística: exposição, cinema, artes visuais, dança, teatro, performances, literatura, sarau, música, psicanálise, cortejo musical, cursos, debates e também festa com DJ e bar. QUE LEGADO foi realizado em outras edições e espaços de arte como Espaço Cultural Sérgio Porto.



QUE LEGADO! Castelinho do Flamengo, Rio de Janeiro – 2017



Nuit Blanche – Museu de Arte Contemporânea (MAC), Niterói – 2017

Em consonância com o evento francês, Nuit Blanche, que movimenta toda a cidade de Paris, a versão brasileira convidou artistas para caminharem pela cidade de Niterói cujo final do percurso foi o Museu de Arte Contemporânea de Niterói. No seu pátio foi instalada a proposta artística e colaborativa Natureza Viva. Uma maneira de contribuir e fomentar a reflexão sobre como

habitamos nossos territórios: como geri-los em benefício de quem os habita, assim como em benefícios de seus frequentadores.

Referencias bibliográficas.

ANDRADE, Mario. O Banquete. Livraria Duas Cidades – 2ª edição 1989.

RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível. Ed 34. 2005.

SANTOS, Roberto Correa dos. Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil. Arte/escrita/vida/pensamento/clínica Tratos Contemporâneos. Editora Circuito.